

## 1.1

*Ouve-se um barulho de tempestade com raios e trovões; entram um Capitão e um Contramestre.*

CAPITÃO: — Ó Contramestre!

CONTRAMESTRE: — Estou aqui, capitão. Que tal vai isso?

CAPITÃO: — Bem, trata de falar aos marinheiros. Eles que metam depressa mãos à obra quando não, encalhamos. Vai, despacha-te!

*Sai.*

*Entram os Marinheiros.*

CONTRAMESTRE: — Coragem, meus valentes! Força, força! Rápido! Aviem-se! Desçam a vela. Tomem atenção ao capitão! (*Para a tempestade*) Sopra para aí a tua ventania até te rebentarem as bochechas, se é que a gente não vai encalhar antes!

*Entram Alonso, Sebastian, António, Ferdinand, Gonzalo e outros.*

ALONSO: — Ai, meu bom Contramestre, faz tudo o que puderes. Onde é que está o capitão? Portem-se como homens!

CONTRAMESTRE: — Façam favor, deixam-se ficar aí em baixo!

ANTÓNIO: — Onde é que está o capitão, ó Contramestre?

CONTRAMESTRE: — Então não o ouvem? Ai, que assim só estão a atrapalhar. Vão mas é para as vossas cabinas. Aqui estão é a ajudar a tempestade!

GONZALO: — Ó patrão, não perca a paciência!

CONTRAMESTRE: — Não perco quando o mar não a perde também! Ora aí têm! O que é que importa a estas ondas altíssimas que vocês falem em

nome do rei? Para as cabinas, já! Calados! Não nos compliquem a vida!

GONZALO: — Bom, está bem, mas não te esqueças de quem levas no barco.

CONTRAMESTRE: — Não é ninguém de quem goste mais do que de mim próprio. Olhe, vossemecê é um conselheiro; se conseguir obrigar o vento e a água a sossegarem e fazer com que tudo volte à tranquilidade, a gente não mexe nem mais uma palha. Vamos, toca a impor a sua autoridade! Mas se não é capaz, dê graças a Deus por ter vivido até hoje e vá para a sua cabina preparar-se para o caso de acontecer uma desgraça. Vá, força, meus valentes! Saiam do caminho, já disse! (*Sai*)<sup>1</sup>

GONZALO: — Este homem dá-me bastante segurança. Não tem ar de quem há-de morrer afogado. (*Saem*)

*Entra o Contramestre.*

CONTRAMESTRE: — Baixem o mastaréu! Depressa! Mais para baixo! (*Entram Sebastian, António e Gonzalo*) Outra vez? O que é que vêm aqui fazer? Vamos cruzar os braços e afogar-nos? Estão na disposição de irem pelo mar abaixo?

SEBASTIAN: — Que te dê já aqui uma doença má, ó cão sem sentimentos!

CONTRAMESTRE: — Olhem, então trabalhem vocês!

ANTÓNIO: — Refilão insolente! Tens mais medo de te afogares do que nós!

CONTRAMESTRE: — Aguentem-na, aguentem-na com o vento de lado! Desfraldem as velas outra vez! Vamos fazer-nos ao largo!

*Entram os Marinheiros, encharcados.*

MARINHEIROS: — Está tudo perdido! Só nos resta rezar! Tudo perdido!

CONTRAMESTRE: — O quê, não há salvação?

GONZALO: — O rei e o príncipe estão a rezar. Vamos juntar-nos a eles porque o que eles têm a pedir também nós temos.

SEBASTIAN: — Estou pior que estragado!

ANTÓNIO: — Ficamos todos sem as nossas vidas por causa de uns bebedolas! Fala-barato!

GONZALO (*ouve-se um barulho confuso no interior*): — Piedade! Está tudo a partir-se aos bocados! Adeus, querida esposa e filhos queridos! Adeus, irmão! Vamos ao fundo!

ANTÓNIO: — Afundemo-nos juntamente com o Rei.

SEBASTIAN: — Vamos despedir-nos dele. (*Sai com António*)

GONZALO: — Ai, num momento como este é que eu trocava uma extensão imensa de mar por um pedacinho de terra que pouco desse — urze, tojo, qualquer coisa me servia. Com certeza o destino já está traçado, mas que alegria eu tinha se morresse em seco. (*Sai*)